

## **Uma conversa sobre Psicologia Comunitária com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Verônica Morais Ximenes**

*Entrevistador: Lucas Soares Rodrigues<sup>1</sup>*

*Convidada: Verônica Morais Ximenes<sup>2</sup>*

### **Resumo**

Esta entrevista teve como convidada a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Verônica Morais Ximenes, a Psicologia Comunitária sendo o tema central. São conversadas temáticas que vão desde o surgimento e consolidação deste campo da psicologia na América Latina, no Brasil e no estado do Ceará, até as questões atuais relacionadas ao campo. São mencionadas a abrangência e articulação internacional do campo às temáticas centrais nas atuais pesquisas, em especial aquelas que possuem o envolvimento da entrevista e do Núcleo de Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Ceará. Esta entrevista foi realizada em 21 de setembro de 2017.

**Palavras-chave:** Psicologia Comunitária; América Latina; Entrevista;

## **A conversation about Community Psychology with Prof. Dr. Verônica Morais Ximenes**

### **Abstract**

This interview invited the Prof. Dr. Verônica Morais Ximenes, having as its center the Community Psychology. Here she talked themes like the beginning and the consolidation of this field of psychology in Latin America, in Brazil and in the federal state of Ceará, also the current issues related to the field. It mentions the embracing and international articulation of the field in central themes of current research, in special those that have the involvement from this interview and from the Núcleo de Psicologia Comunitária (Community Psychology Center) of Universidade Federal do Ceará. This interview was made in 21 september of 2017.

**Keywords:** Community Psychology; Latin America; Interview.

**Lucas** – Bom dia Verônica!

**Verônica** – Bom dia!

**L.** – Como surgiu a psicologia comunitária na América Latina e no Brasil? E quais são as principais influências teóricas que ela teve em seu desenvolvimento?

**V.** – No caso, a psicologia comunitária na América Latina surge de uma postura ética e crítica da psicologia hegemônica que dominava na década de 1960 e 1970, e como uma crítica dentro da psicologia social. Então é importante pontuar que a psicologia comunitária, que é conhecida ou que é consolidada, é uma psicologia comunitária que nasce da psicologia social; e é um movimento que começou no contexto da América Latina, fazendo crítica a essa psicologia social que enquadrava as pessoas, adaptava e não tinha essa preocupação de uma análise crítica da realidade. Tem-se um grupo, por exemplo no Brasil, iniciado pelas professoras Silvia Lane da PUC-SP, Elizabeth Bonfim da UFMG, que estavam nesse movimento de construção da ABRAPSO<sup>1</sup> e de uma psicologia social e crítica voltada para a realidade da América Latina. Paralelo a esse movimento no Brasil e também fora, tem essa construção da psicologia comunitária nesse caminho de uma psicologia comprometida, que não prega uma neutralidade científica, que se compromete e que faz uma análise da realidade. Passa a ter na América Latina, e em vários países, pessoas que trabalham com psicologia comunitária, nessa época e também atualmente.

Há alguns países que têm essa psicologia comunitária mais consolidada

ou organizada, a partir de teóricos ou a partir de associações. Há um grupo importante na Venezuela, com a professora Maritza Montero, a principal teórica de psicologia comunitária do mundo, onde ela desenvolveu muito o arcabouço teórico e metodológico, e também de onde projetou essa psicologia comunitária da América Latina para mundo. Junto dela, há a professora Esther Wiesenfeld, ambas consolidaram essa área da psicologia comunitária na Venezuela. Temos outro grupo no Chile, onde há uma associação de profissionais que trabalham com psicologia comunitária. Então tem-se um nível de organização também em termos de categoria, com algumas pessoas que trabalham lá, como os professores Jaime Alfaro, Hector Barroeta, Alba Zambrano — um grupo, que inclusive está organizando em 2018 a 7ª Conferência de Psicologia Comunitária para Santiago. Há outros grupos no Peru, que também trabalham com psicologia comunitária. Lá temos Tezania Velazquez e também tem-se uma estruturação de Mestrado. Há também na Colômbia, que inclusive são nossos parceiros que trabalham na área de psicologia comunitária, como a professora Nelly Ayala, o professor Sergio Cristancho. Existe também um grupo, um dos primeiros, em Porto Rico, com as professoras Blanca Ortiz e Irma Serrano, que estruturava essa área. Na Argentina, tem-se o professor Enrique Saforcada e outros professores que trabalham também com psicologia comunitária. No Uruguai, há também outro grupo com a professora Alicia Rodriguez. No México, tem um grupo, tanto na Universidade Autônoma do

México, na Cidade do México, como na Universidade Autônoma de Yucatán, que também é uma região em que temos uma parceria, com a professora Terezita Castillo. Então, há em vários lugares grupos que construíram essa psicologia comunitária e se consolidaram, temos também uma expressão disso no Brasil, sendo que um lugar de referência é na UFC<sup>2</sup>, especificamente no Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), que começou os seus trabalhos enquanto atuação em psicologia comunitária em torno de 1981 e 1982. Na época, ainda não se tinha estruturado o núcleo, mas havia projetos de extensão. Só em 1992 foi que se construiu o núcleo, enquanto espaço de ensino, pesquisa e extensão, encabeçado professor César Wagner Góis e grupos de estudantes de psicologia. No Brasil, havia também um grupo no Rio de Janeiro, um grupo que sempre trabalhava com psicologia comunitária relacionando às questões das favelas no Rio de Janeiro. Tem outro grupo também, que foi estruturado e construído pelo professor Jorge Sarriera, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também tem lidado e vem consolidando essa área da psicologia comunitária no Sul. Tínhamos trabalhos importantes da professora Fátima Quintal, no Paraná. Havia também trabalhos importantes que discutiam psicologia comunitária e psicologia escolar na PUC-Campinas, com a professora Raquel Guzzo. No Rio Grande do Norte, há trabalhos vinculados aos professores Jäder Leite e Magda Dimenstein, que trabalham relacionando alguns elementos de psicologia comunitária e saúde mental.

Então, temos algumas pessoas que de alguma forma construíram essa psicologia comunitária no Brasil.

Aqui, no Ceará, começou mais com um trabalho de extensão e, em paralelo a extensão, o Cezar Wagner fez toda a produção teórica. Em 1992, foi lançado o primeiro livro do Cezar, *Noções de Psicologia Comunitária*, um livro que marca um pouco essa construção no Brasil. Então aqui esse espaço do NUCOM passou a ser um espaço de muita produção e intercâmbio, dentro do estado do Ceará também, influenciando outras universidades ou faculdades que foram sendo construídas com o decorrer do tempo. A psicologia comunitária que estamos nos alinhando na América Latina tem uma preocupação com a produção teórica da psicologia comunitária, com a contextualização desse conhecimento à realidade da América Latina, que é muito semelhante a uma preocupação de denúncia dessa realidade de opressão e a busca pela realidade de libertação. E, com isso, existe a preocupação de construir referenciais teóricos da América Latina. Não quer dizer que não trabalhem com teóricos europeus, podemos trabalhar com algum teórico de outras partes do mundo, mas há preocupação em sistematizar e poder fazer circular essa construção de teóricos da América Latina que dão mais conta da realidade em que nós vivemos.

Esses países, além de outros que não citei, possuem uma preocupação de fazer um trabalho conjunto. Por exemplo, quando tem-se um simpósio da SIP (Sociedade Iberoamericana de Psicologia), sempre há um espaço que esses países se

encontram, porque fazemos parte de uma *Red Latinoamericana de Formación em Psicología Comunitaria*, uma rede latino-americana. Existe um site onde temos a preocupação de fazer pesquisas juntando todos os países. Recentemente, nós fizemos uma pesquisa sobre ética na formação em psicologia comunitária que foi realizada por vários países, inclusive no Brasil, discutindo como é a questão ética na psicologia comunitária. Temos esse espaço de encontro. Outro espaço é na própria Conferência Internacional de Psicologia Comunitária, que acontece a cada dois anos. Em 2014 foi aqui no Brasil, ano passado na África do Sul e agora, em 2018, vai ser em Santiago, no Chile. Esse é outro espaço importante de consolidação e a cada ano essa conferência vem aumentando. Em cada país que ela passa consolida essa área naquele país, logo é muito importante esse evento para união e organização da psicologia comunitária.

Esse é um pouco do histórico de uma forma ampla: essa preocupação de articulação entre os países, da psicologia comunitária não ficar limitada a um país, mas ter uma aliança e uma rede latino-americana. Passa também a ter um peso, inclusive de ser uma referência para alguns países como na Europa, por exemplo, que querem conhecer essa psicologia comunitária latino-americana. Então acho o contexto latino-americano, por ter uma realidade de opressão, regimes autoritários, pobreza, analfabetismo, a própria exploração dos países ricos, esse contexto fez também que essa psicologia

comunitária pudesse se consolidar e dar conta dessa realidade.

**L.** – Já nesse sentido da produção teórica, observamos que tem tido destaque uma pesquisa do NUCOM acerca das implicações psicossociais da pobreza. Qual a importância da psicologia estudar esse fenômeno da pobreza?

**V.** – A psicologia comunitária da América Latina sempre falou de pobreza e se alinhou a essa opção preferencial pelos pobres e excluídos, que está muito alinhado com Teologia da Libertação, com a Psicologia da Libertação. E no caso de nós da UFC e do NUCOM, desde os primeiros trabalhos do César Wagner, sempre focamos em trabalhar com comunidades pobres, urbanas e rurais. A temática da pobreza sempre esteve presente, diante dos problemas que convivíamos nas comunidades, diante da falta de referenciais teóricos e de pesquisas. Em 2010, no caso eu com mais dois alunos de mestrados na época, James Ferreira Moura Junior e Elívia Cidade, pensamos assim “o que a gente vai pesquisar?”. Eu também estava sentindo a necessidade de ter uma linha consolidada de pesquisa que unisse meus alunos da pós-graduação. Em uma disciplina, nós três conversando em supervisão me veio à tona a ideia de colocarmos a temática da pobreza como um problema e que a psicologia e a psicologia comunitária poderiam se debruçar sobre, para pensar como ele impacta nesse ser humano.

Foi a primeira semente dessa possibilidade de estudo e de pesquisa. Naquela época, nós já pensamos quais

seriam os problemas que poderíamos levantar como problemas de pesquisa na temática de pobreza, já que estamos falando a partir da psicologia. Temos muitos problemas relacionados à economia, às ciências sociais, à educação, ao serviço social, mas a psicologia não tinha muito. Pensamos em três elementos que víamos como problemas que a psicologia podia discutir. Um é o processo de naturalização da pobreza, dela ser considerada algo que já acontece, sempre aconteceu e sempre vai acontecer e não tem o que mudar. Outro é a culpabilização do pobre pela sua realidade: colocar esse pobre como culpado pela sua situação, é responsável e culpado por isso, sem contextualizar como um problema social, estrutural. Por fim, o terceiro problema é a redução da pobreza somente à dimensão monetária e não se põe a compreender que tem aspectos subjetivos que precisam ser analisados neste contexto, além de aspectos de educação, de saúde, de alimentação. Então foi a partir destes três problemas que se começou a desenvolver os estudos e procurando construir um arcabouço teórico, pensando com que teóricos nós vamos trabalhar a visão de pobreza multidimensional, que categorias vamos trabalhar para pensar essa pobreza, com o objetivo de não reforçar que o pobre é responsável, que a pobreza é natural. Começamos a estruturar este arcabouço teórico, metodológico e se começou a construir pesquisas nas quais podíamos também ter os alunos da graduação e da pós. Começamos a formar um grupo de pesquisa dentro do NUCOM, com todos os meus mestrados e de doutorandos, os de

Iniciação Científica e os alunos de graduação que querem fazer a disciplina de Pesquisa.

Em um primeiro momento, de 2012 a 2014, pesquisamos uma comunidade rural e outra urbana, entendendo como seriam essas implicações psicossociais da pobreza. Foi a nossa primeira experiência de uma pesquisa quanti e quali — até então a gente trabalhava muito com quali. Nessa pesquisa, construímos um questionário, tivemos que trabalhar escalas, adaptar escalas, construir, e também usamos grupos focais. Essa foi a nossa primeira experiência. Vimos que podíamos ousar mais, percebemos que poderíamos enveredar para a segunda pesquisa, que foi desenvolvida em torno de 2014 a 2016. Nesse ano de 2017, nós estamos no processo de produção de cartilhas, de artigos, de capítulos de livros dessa segunda pesquisa. Nesse segundo momento, resolvemos sair um pouco do cenário do Ceará e buscamos o cenário do Amazonas, em Humaitá, do Sul, com Cascavel no Paraná, e no Ceará, ficamos com Pentecoste, que é a região em que trabalhamos com um projeto de extensão há mais de 10 anos. Resolvemos focar mais no contexto rural. Na primeira pesquisa trabalhamos rural e urbano, e a segunda nós focamos em comunidades rurais, devido ao fato de que pouquíssimas pesquisas são feitas neste contexto, uma área de atuação forte da psicologia comunitária — o alto índice de pobreza que encontramos em contextos rurais. Então, resolvemos já fazer um estudo comparativo para pensar a pobreza em três regiões diferentes do Brasil, e também

poder entender as diferenças dessa realidade que impactam nesses elementos relacionados à pobreza e as pessoas que vivem nesses lugares. Também foi uma pesquisa quanti e quali.

Nós sempre temos uma preocupação no final da pesquisa de construir uma cartilha com uma linguagem acessível para darmos uma devolução às pessoas com quem pesquisamos, às políticas públicas e aos órgãos que financiaram. Até então tivemos o apoio e financiamento do CNPq com editais de pesquisa, eu também tenho uma bolsa de pesquisadores (Produtividade em Pesquisa) também relacionada a essa pesquisa — são esses financiamentos que possibilitaram a pesquisa nessa dimensão. Os resultados que temos encontrado é a dificuldade em ter acesso a elementos que nós pensamos que a pobreza pode estar impactando, como bem-estar, sentimento de comunidade, índices de fatalismo, a questão do apoio social — algumas categorias, e entendemos como essas pessoas em situação de pobreza percebem outros elementos relacionados à vida como um todo, então aprofundamos essa análise. Na última pesquisa, trabalhamos com quase mil e duzentas pessoas, então temos um banco de dados muito grande, que é o que estamos tentando trabalhar este ano e encontrando vários elementos relacionados, como qual é concepção de pobreza que essas pessoas têm. No geral, muitas pessoas não se consideram pobres, não se consideram nem pobres nem ricas — porque muitas falam que pessoa ‘pobre é aquela que não tem casa’, ‘é aquela pessoa que não tem alimentação’, então

eles tem pelo menos uma casa e alimentação, eles não são pobres.

Com essa informação do que é pobreza, agora estamos já preparando um novo projeto de pesquisa que é para os próximos três anos, no qual focaremos em pessoas em situação de rua, as quais consideramos como pessoas em extrema pobreza. Estamos querendo entender como que essas pessoas vivenciam a pobreza, já que muitas que, pelo viés monetário, poderíamos estar enquadrando em pobre, não se consideram como tal e colocam como se a pessoa morador de rua que ‘é o pobre’. Então agora vamos pesquisar um pouco o que é este cenário, e tentaremos aprofundar mais nessa temática.

**L.** – Nessa segunda pesquisa, o que os resultados mais tem apontado? Há diferença regional, por exemplo?

**V.** - Estamos estruturando alguns dados. Fizemos até uma divulgação que pode ser acessada no portal chamado *agência UFC* — um portal que a UFC criou, por onde apresentamos alguns dados preliminares porque já estamos produzindo material. Mas encontramos nas três regiões um nível de bem-estar classificado de bom a muito bom. As pessoas, mesmo nesse contexto de pobreza, conseguem avaliar elementos positivos em sua vida. Encontramos uma presença maior de pobreza multidimensional na região Nordeste, aqui em Pentecoste. Comparando as três regiões, nós temos uma pobreza multidimensional maior. Encontramos uma rede de apoio na família nas horas de dificuldade, muito mais que as políticas públicas, um espaço com o

qual elas podem contar a qualquer momento. Outros dados que encontramos, como por exemplo, o sentimento de comunidade em nível mais moderado, então ainda são necessários trabalhos para que as pessoas possam se apropriar mais dos lugares que elas moram.

Muitas dessas pessoas com quem nós fizemos a pesquisa em 2015, acho que 70% da amostra como um todo, elas eram beneficiárias do Bolsa Família e a maioria mulheres. Estamos agora tentando aprofundar a diferença entre as realidades e o que cada cenário aponta nessa discussão da pobreza. Incorporamos outra categoria importante nessa última pesquisa, a *resiliência*, que não tínhamos trabalhado até então. Creio que são alguns alinhamentos que estão mostrando que essa pobreza está presente independente das regiões. Em algumas questões elas estão parecidas e tem outras elas não estão, por exemplo, a renda familiar do Sul é muito maior que no Norte e Nordeste, a rede de políticas públicas de assistência social, por incrível que pareça, é maior no Sul do que no Norte e Nordeste, em termos de quantidade de CRAS e CREAS. Então, assim, alguns elementos que trazem um pouco a realidade.

**L.** – Quais as experiências, ou mesmo sugestões que a psicologia comunitária tem apontado para intervenção neste contexto de pobreza?

**V.** – Já trabalhamos em contextos de pobreza desde o início do NUCOM, então a pesquisa ajuda a entendermos melhor essa realidade. Em nossa primeira pesquisa aqui na região rural do Ceará,

tivemos várias mulheres que se emocionavam e choravam durante a aplicação do questionário. Eram temas que elas colocavam, principalmente porque a metodologia da pesquisa é a visita domiciliar — nós entramos na casa de cada pessoa, conversamos, passamos o tempo que for preciso. Meia hora, uma hora, uma hora e meia. Estamos com essa pessoa, então aflora muitas coisas. Como dizia, na primeira pesquisa muitas mulheres demonstraram um sofrimento, um choro, e com isso resolvemos construir e facilitar um grupo de mulheres na Canafistula, que é a comunidade onde trabalhamos. Esse grupo passou quase três anos, sendo um espaço muito importante de fortalecimento, de construção de vínculos, da possibilidade delas fazerem uma análise mais crítica da vida e da comunidade.

Essa foi uma ação que surgiu da pesquisa. A partir também de alguns elementos da pesquisa, repensamos a nossa atuação urbana. Trabalhávamos num bairro aqui do Bom Jardim há muitos anos, e com esse resultado da pesquisa das pessoas falarem que ‘o pobre é aquele que não tem casa’, ‘que não tem o que comer’, nos despertou também para focar esse projeto de extensão urbano no contexto de moradores de rua. Então estamos começando um trabalho, aqui no município de Maracanaú. Temos também um aluno de doutorado que está trabalhando essa temática — pensar o índice de pobreza multidimensional para a população de rua.

Então os resultados da pesquisa estão fazendo com que redefinamos as nossas extensões, redefinir temas de pesquisa, de maneira que o resultado

retroalimenta a extensão, gera uma nova pesquisa. Nosso intuito não é ter uma pesquisa só para mostrar um cenário e depois passar para outro tema, mas que uma pesquisa anterior ajude a repensar as nossas práticas, um aprofundamento de um problema de pesquisa que surgiu na anterior.

Assim, percebemos uma necessidade cada vez maior de estudarmos esse tema, como também a preocupação de estudar não só no Brasil. Nós estamos formando agora uma rede latino-americana de estudos sobre a pobreza. Já temos uma parceria com o México que participou dessa pesquisa, temos também na Colômbia, que já fez parte da pesquisa quanti. Estamos começando a formalizar uma rede com outros países trabalhando essa temática, para fazermos uma discussão entre os países, já que procuramos também fortalecer tanto esse contexto latino-americano. Isso também vem acontecendo como fruto dessa pesquisa e dessa amplitude de discutir com outros países essa realidade. E também a produção científica — ano passado lançamos o livro *Implicações Psicossociais da Pobreza*, que reuniu trabalhos nossos, de professores e grupos do Brasil, da Espanha, do Paraguai e do México. Tivemos também essa preocupação de demarcar com o livro, não só com artigos. Tem a produção dessa segunda cartilha. Há preocupação em dar visibilidade, através de produções científicas, de participação de eventos. Esse ano, três pessoas do nosso grupo foram para o Congresso da Sociedade Ibero-americana no México e também levaram essa temática. Estamos

nos organizando para ir para a 7ª Conferência no Chile em 2018. Estamos tentando ocupar estes espaços, como também espaços de discussão nos meios de comunicação em sites, entrevistas, às vezes em audiências públicas na Assembleia Legislativa para problematizar a questão da pobreza. Na primeira pesquisa fizemos visitas e reuniões no Ministério do Desenvolvimento Social, que existia e já não tem mais. Não estamos só no meio acadêmico, mas nas políticas públicas, junto com essas pessoas, creio que isso é um pouco o compromisso que temos com a construção desse conhecimento e com a transformação dessa realidade de opressão que vivemos no nosso país.

**L.** – A UFMG foi a primeira universidade brasileira a ter no currículo a disciplina de psicologia comunitária. É uma disciplina que hoje não é mais ofertada. Aqui na UFC, ela é de oferta obrigatória. Em algumas outras universidades ela é de oferta optativa. Qual é a importância dessa disciplina no percurso de um graduando?

**V.** – No caso da UFC essa disciplina foi construída como disciplina obrigatória em 1986, nós temos aí um percurso já grande e mesmo com as mudanças curriculares, com o novo PPP<sup>3</sup>, com a construção das ênfases, a disciplina sempre se manteve. E nós acreditamos — na época, foi o professor Cezar Wagner e a professora Ângela Pinheiro que propuseram a disciplina e em nossa análise a obrigatoriedade da disciplina de Psicologia Comunitária, em qualquer curso de psicologia, é muito importante, porque

o aluno passa a ter contato com essa área, a conhecer que ela existe. Muitas vezes, no momento da graduação, ele não sabe muito qual é a importância, apesar de ser uma disciplina teórica e prática. Entretanto, quando se formar, hoje um dos espaços de maior empregabilidade do psicólogo e da psicóloga são as políticas públicas — então, quando chegar lá, ele vai se deparar com a realidade, que tem muito a ver com o que viu na disciplina de Psicologia Comunitária.

Creio que a importância da manutenção desse espaço é uma demarcação também política, no sentido de colocar essa área como uma das áreas que esse estudante pode fazer estágio, onde esse profissional pode trabalhar, pode fazer pesquisa. E também uma preocupação é de que este estudante da graduação esteja em contato com temas relacionados ao contexto social do país e da América Latina, porque também trazemos uma discussão relacionada a estes contextos, que às vezes são distantes da psicologia, e por vezes a psicologia de um modo geral não discute muito o contexto latino-americano, o contexto brasileiro. Então também a importância dessa disciplina existir para demarcar essa realidade dentro do curso.

No caso das duas primeiras universidades, a primeira foi a UFMG, a segunda a UFC e aqui nós conseguimos manter até hoje. Há outros cursos que tem a disciplina obrigatória, foram criados mais recentes em faculdades, onde encontramos pessoas que tiveram essa experiência.

Há também lugares em que a disciplina é ofertada como optativa

periodicamente, por exemplo, em Natal, na UFRN, ela não é obrigatória, mas é ofertada uma vez por ano. Creio que tem esse movimento, como também alunos de fora para fazerem a disciplina conosco aqui, principalmente alunos da UFMG, já tivemos alunos da Universidade Federal de Uberlândia, alunos da UNICEUB e de outras faculdades e universidades. Como também, alunos e alunas do *Master en Intervención Psicosocial* da Universidade de Barcelona.

A disciplina também é um espaço que aglutina os nossos alunos e os de outras universidades. Ela é cursada no quarto semestre, o aluno já teve disciplina de Social, então já tem uma base, e ela tem esse caráter teórico e prático. Na disciplina, fazemos uma visita de campo, a turma toda junta. Isso é uma experiência muito rica, trazemos essa realidade do rural, que é muito pouco falada na psicologia comunitária. O profissional termina em trabalhar numa política pública de um contexto rural, ou num pequeno município. Eu acho que ela é uma disciplina que apresenta vários elementos, tem esse caráter mais vivencial, de viagem de campo, de trabalhos de grupo, de metodologias participativas que estão em sintonia com o referencial teórico e metodológico da Psicologia Comunitária. Ela traz uma contribuição importante, que o aluno precisa conhecer. Pode ser que ele não queira essa área, mas pelo menos ele soube, ele conhece, e pode, de repente, em algum momento da sua vida, utilizar algum desses conhecimentos para sua atuação.

**L.** - Para os nossos leitores que querem aprofundar os estudos em Psicologia Comunitária e as implicações psicossociais do pobreza, quais obras você indica?

**V.** – Eu sugiro primeiramente que dê uma olhada no site do NUCOM ([www.nucom.ufc](http://www.nucom.ufc)) lá tem nossas produções. Tem dois vídeos que disponibilizamos — um é sobre o que é o NUCOM e a Psicologia Comunitária, o outro sobre a realidade da pesquisa com a temática das implicações psicossociais da pobreza. Então eu acho que esse é um local em que se pode ter acesso a este material, principalmente quem não está em Fortaleza.

Para quem está em Fortaleza temos um grupo de estudos todo semestre, o *Bom Dia Comunidade*. Recebemos muitos alunos de outras universidades de

Fortaleza, já é um espaço em que as pessoas vão chegando. Tem o próprio espaço do NUCOM — estamos sempre recebendo visitas de pessoas —, tem o Programa de Pós-graduação em Psicologia, com uma linha que participamos que é *Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais*. Lá atuamos nessa área da pobreza e da Psicologia Comunitária, mais especificamente comigo e o professor James Moura Júnior. Creio que são esses espaços. Estamos sempre em congressos, também. Acho que o site é o primeiro local, onde a pessoa vai compreender e a partir daí o que se quiser mais aprofundar, mande e-mail. Temos muitos livros à venda, fora o material eletrônico que temos por artigos — pode dar uma olhada no meu currículo ou no site.

**L.** – Certo, obrigado.

### **Notas de fim**

<sup>1</sup> Associação Brasileira de Psicologia Social.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará.

<sup>3</sup> Projeto Político-Pedagógico.

### **Sobre os autores**

<sup>1</sup> *Lucas Soares Rodrigues* | [lucasrodriguesdm@gmail.com](mailto:lucasrodriguesdm@gmail.com) | Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Psicologia, com ênfase em Processos Psicossociais, pela mesma universidade (2017). É Editor-Chefe da Mosaico: Estudos em Psicologia (1982-5471).

<sup>2</sup> *Verônica Morais Ximenes* | [vemorais@yahoo.com.br](mailto:vemorais@yahoo.com.br) | Professora Titular da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-graduação em Psicologia | É Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1992), Doutora em Psicologia - Universidad de Barcelona (2000) e Pós-Doutorado em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). É coordenadora do Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM). Direciona suas atividades acadêmicas nos seguintes temas: psicologia comunitária, implicações psicossociais da pobreza, políticas públicas, contextos de vulnerabilidade social e outros. Pesquisadora do CNPq - PQ-2.<sup>2</sup>.

**Aprovada em: 16/09/2017\***

---

\*A Seção de entrevistas não possui avaliação *ad hoc*, a data em questão se refere à aprovação do pedido do proponente desta entrevista pelo Corpo Editorial.